

RELATO

SIMININOS E SIMININAS CAMPISTAS: A EXPERIÊNCIA DA PRODUÇÃO DE UM SITE DE PERFIS POR ALUNOS DE JORNALISMO EM CAMPOS DOS GOYTACAZES

Vitor Luiz Menezes Gomes¹
vimegeral@gmail.com

RESUMO

Registro da experiência da produção do site “Siminino Campista”, por alunos do segundo período do curso de Jornalismo do Uniflu (Centro Universitário Fluminense), no segundo semestre de 2017, na disciplina de Introdução ao Jornalismo II, ministrada pelo autor. São apresentados os propósitos, a metodologia e os resultados do trabalho, que obrigatoriamente envolve toda a turma no mesmo projeto, sem divisões por grupos, gerando simulações de ambientes de redação jornalística, discussões acerca de projeto editorial e experiências de campo.

PALAVRAS-CHAVE

Ensino de Jornalismo. Jornalismo Literário. Perfis Jornalísticos.

1.0 - CARACTERÍSTICAS DA DISCIPLINA

Este relato compartilha uma experiência pedagógica na disciplina de Introdução ao Jornalismo II, ministrada pelo autor no Curso de Jornalismo do Centro Universitário Fluminense (Uniflu), instituição de ensino com sede em

¹ Mestre em Sociologia pelo Iuperj (Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro). Jornalista. Professor do Curso de Jornalismo do Uniflu (Centro Universitário Fluminense).

Campos dos Goytacazes (RJ). Inicialmente o texto ocupa-se da apresentação geral dos propósitos da disciplina e do método adotado, que tem como objetivo final a execução de um projeto jornalístico que envolve toda uma turma, independentemente do número de estudantes nela matriculados. A segunda parte aborda o caso específico do desenvolvimento do projeto Siminino Campista, site de perfis com textos e vídeos curtos, realizado no segundo semestre de 2017 com a turma de segundo período (integrada também por alunos de primeiro período que anteciparam disciplinas do segundo).

No primeiro período, em Introdução ao Jornalismo I, os estudantes têm contato com um programa que prevê uma breve passagem pela história do jornalismo, no mundo Ocidental, de modo mais amplo, e no Brasil, de modo mais específico. O jornalismo regional também é trabalhado, por meio de atividade de pesquisa e produção de texto sobre o jornal “Monitor Campista”, que “descontinuou”² a sua circulação em 15 de Novembro de 2009. São abordadas, ainda, noções básicas de técnicas e ferramentas utilizadas na atuação dos jornalistas (como pauta, apuração, entrevista e edição) e discussões que envolvem organização e hierarquia das redações, ética jornalística e identidade profissional. Todo este conteúdo não ultrapassa o caráter introdutório, de modo a não antecipar indevidamente aprofundamentos que serão trabalhados em disciplinas específicas em períodos seguintes.

Até o ano de 2011, quando o curso de Jornalismo do Uniflu ainda era uma habilitação no curso de Comunicação Social (junto às de Publicidade e Relações Públicas), a disciplina de Introdução ao Jornalismo tinha as suas duas etapas (I e II) ministradas nos terceiros e quartos períodos, em paralelo às introduções às outras duas habilitações. Além de trabalhar as noções básicas de cada área, as introduções auxiliavam os estudantes na escolha que fariam, no quinto período, sobre qual habilitação seguir até a conclusão do curso.

Em 2012, uma grande mudança na grade de disciplinas, que ao mesmo tempo promoveu a transição do formado de Curso de Comunicação Social para Curso de Jornalismo (a instituição parou de oferecer as habilitações em Publicidade e em Relações Públicas) e adequou o projeto pedagógico do curso às novas Diretrizes Curriculares do Jornalismo, que estavam em debate à época e na iminência de entrarem em vigor, passou a prever a oferta da disciplina nos

² Termo utilizado em nota dos Diários Associados, grupo proprietário do jornal, na capa da última edição Monitor Campista.

dois primeiros períodos do curso. Essa alteração ensejou a adoção de um tratamento ainda mais focado nos temas de jornalismo (uma vez que as turmas passaram a ser especificamente desta área, não mais compartilhadas com alunos propensos às demais habilitações) e ainda mais prático.

A opção foi a de concentrar em Introdução ao Jornalismo I (primeiro período, com 80 horas/aula) os aspectos mais expositivos da disciplina, os textos e abordagens essenciais, e a de desenvolver, em Introdução ao Jornalismo II (segundo período, com 40 horas/aula), um projeto integralmente prático, que é a experiência que este relato compartilha.

1.1 - Um projeto em aberto

No primeiro encontro da disciplina é apresentada a proposta de execução, por toda a turma, de um produto jornalístico. Não há qualquer sugestão adicional por parte do professor: nenhuma área de cobertura, nenhum gênero jornalístico, nenhum tipo de veículo, nenhuma linguagem. Todas serão escolhas dos alunos. Apenas uma exigência é feita: a de que seja apenas um produto para todos os integrantes da turma (não sendo permitidos projetos individuais ou em pequenos grupos). O objetivo central desta opção da disciplina por esta espécie de “carta branca” é confrontar os estudantes com a necessidade de pensar a partir do zero a execução do projeto, ensejando discussões sobre a sua viabilidade, sua utilidade, seus compromissos editoriais, sua compatibilidade com o perfil da turma e sua capacidade de mobilizar a todos os integrantes da turma (ou ao menos a maioria). As escolhas e o modo de legitimá-las em discussões em sala-de-aula acabam por formar uma trajetória tão valerosa quanto o próprio resultado. A opção por ser apenas um projeto, mesmo em turmas numerosas, tem se mostrado uma maneira de estimular o comportamento profissional em cenários hostis, em atuação com colegas que não fazem parte do convívio mais próximo e habitual para realização de trabalhos em grupo. Isso contribui tanto para simular o funcionamento de uma redação jornalística tradicional, onde os jornalistas não escolhem parceiros de trabalho e estão inseridos em um organograma que dificilmente podem alterar, quanto para gerar familiaridade com novos formatos de produção jornalística, muitas vezes integrados até mesmo por profissionais de outras áreas, em

coletivos jornalísticos, cooperativas e outras formas de organização mais horizontais.

Uma dificuldade nesta etapa é conter a ansiedade da turma pela escolha do veículo a ser produzido e pelas pautas a serem cumpridas, que são aspectos mais concretos a serem decididos. É preciso uma condução mais orientada nos primeiros encontros para que não seja negligenciado o amadurecimento em noções mais abstratas, mas essenciais para a segurança do projeto e atribuição do seu sentido, que constituem um projeto editorial. Os alunos são convidados inicialmente, portanto, a produzirem textos e envolverem-se em discussões que reflitam sobre para que servirá o projeto que farão, que compromissos éticos manterá, por quais valores será norteado, como se relacionará com o público pretendido, e só em um momento posterior é que serão estimulados a fazerem as opções mais concretas para dar conta dos objetivos pretendidos.

São sugeridas as leituras de projetos editoriais de veículos que os disponibilizam (o que sempre faz refletir sobre as idiossincrasias dos que não os disponibilizam), mobilizadas referências ao Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros (trabalhado em Introdução ao Jornalismo I), trocadas eventuais experiências dos próprios alunos em veículos de comunicação (é muito comum que muitos estejam “estagiando”³ em redações ou assessorias), para que subsidiem as escolhas que farão sobre o projeto da turma. Nem sempre estas escolhas iniciais se sustentam no decorrer da execução do projeto, o que também oportuniza discussões acerca das tensões entre teoria e prática.

Após amadurecidas as opções da turma acerca dos compromissos editoriais que nortearão o produto jornalístico que será desenvolvido (para evitar burocratizações e o dispêndio de muito tempo da disciplina, o projeto editorial não chega a ser finalizado como um documento, apenas seus compromissos essenciais são registrados e pactuados, em votação, se necessário, pela turma, que anota as decisões tomadas a cada encontro, como numa espécie de ata informal. É comum que o quadro com os apontamentos do que foi debatido e decidido seja fotografado, para eventuais consultas), os encontros passam a ser dedicados às deliberações mais específicas acerca de características como mídia a ser utilizada, público a ser atingido e tipo de

³ Desde o primeiro período, estudantes de jornalismo são procurados por empresas jornalísticas para atuarem em estágios que pouco ou nada têm de pedagógicos, constituindo um problema para a sua formação que tem sido objeto de constante debate no Colegiado do Curso.

cobertura (generalista ou especializada). Nesta etapa costumam surgir dúvidas sobre divisão de tarefas, hierarquias, funções jornalísticas, uma vez que nenhum desses elementos é fixado de antemão. É na prática que os estudantes entendem, por exemplo, que para que consigam fazer o produto jornalístico que eles próprios definiram serão necessários, dependendo de cada caso, produtores, repórteres, editores, e sobre como funcionará o processo decisório entre os ocupantes destas funções. Nestas, assim como nas demais decisões da turma, o professor atua como um facilitador do debate e da legitimação das decisões, buscando interferir o mínimo possível nas escolhas.

Em seguida, as discussões começam a se dar acerca de aspectos ainda mais específicos, com detalhamento de pautas, avaliações sobre experiências no campo de apuração, eventuais mudanças ou substituições de pauta, ajustes ou substituições nas tarefas, refinamento de escolhas que envolvem linguagens, equipamentos, rotinas e cronogramas de execução. Tudo isso se dá, portanto, mesclando planejamento com revisão desse planejamento já com o projeto em execução.

A inspiração para esta dinâmica dos encontros está em Paulo Freire, com seu método de alfabetização de adultos que parte da própria experiência dos educandos para que as questões em sala de aula apareçam, como o próprio autor destaca, de modo ativo, dialogal e participante (1967: 107), de modo a gerar consciência crítica do mundo – e, no caso específico, do próprio fazer jornalístico. Sua premissa é a de que estar na realidade impõe compreendê-la e recriá-la, comportamento próprio do fazer cultura.

“A partir das relações do homem com a realidade, resultantes de estar nela, pelos atos de criação, recriação e decisão, vai ele dinamizando o seu mundo. Vai dominando a realidade. Vai humanizando-a. Vai acrescentando a ela algo de que ele mesmo é o fazedor. Vai temporalizando os espaços geográficos. Faz cultura. E é ainda o jogo destas relações do homem com o mundo e do homem com os homens, desafiado e respondendo ao desafio, alterando, criando, que não permite a imobilidade, a não ser em termos de relativa preponderância, nem das sociedades nem das culturas. E, na medida em que cria, recria e decide, vão se conformando as épocas históricas. É também criando, recriando e decidindo que o homem deve participar destas épocas”. (FREIRE, 1967, 43)

Desse modo, os alunos são chamados a mobilizarem as vivências que trazem dos seus círculos sociais, da formação escolar e eventualmente das suas

experiências profissionais, em uma discussão permanente sobre cada passo a ser dado na execução do projeto jornalístico proposto para a turma.

2.0 - O PROJETO SIMININO CAMPISTA

No segundo semestre de 2017, a turma do segundo período de Jornalismo do Uniflu⁴ foi envolvida em trajetória semelhante à já exposta, na disciplina de Introdução ao Jornalismo II, resultando no site jornalístico Siminino Campista⁵ (<http://www.simininocampista.com>), que reúne perfis de personagens nascidos em Campos dos Goytacazes que tenham boas histórias para contar, ou que sejam destacados em suas áreas de atuação. A partir de deliberação da própria turma, foram formados trios de estudantes que pesquisaram as trajetórias de potenciais entrevistados, submeteram essas fontes à avaliação coletiva e, em seguida, aprofundaram a apuração e realizaram as entrevistas. Foram produzidos 12 perfis: Fernando da Silveira (Jornalista e professor), Fernando Leite (Jornalista, poeta e político), Odvan Silva (Jogador de futebol), Nelcimar Pires (Estilista), Fernando Rossi (Diretor de Teatro), Tônico Pereira (Ator), Nico (Proprietário de bar), Orávio de Campos Soares (Jornalista e professor), Ricardo Azevedo (Músico), Sérgio Da Matta (Radialista), Carmem Eugênia (Professora) e Bicho André (Proprietário de bar).

A escolha do site como veículo, vinculado a um perfil no Instagram, um canal no Youtube e uma comunidade no Facebook, se deu pela grande abrangência⁶, baixo custo, fácil divulgação por redes sociais e pela avaliação de que o público pretendido, consumidor de informações históricas e culturais, tem acesso a este tipo de mídia por computadores e celulares.

⁴ Integrada pelos alunos Affonso Talyuli de Araújo, Alex Araujo Rodrigues, Amanda de Azevedo Monteiro, Beatriz Berbet Santos Vieira, Bruna Viveiros Machado, Carlos Renato Ribeiro de Sousa, Eduarda Martins Lontra, Fabricio Nascimento de França, Gabriel Farhat Silva, Gabriel Pereira de Souza Carvalho, Gabriela Viana Ferreira Lessa, Hortência Ribeiro Gomes de Araújo, Isabella Corrêa dos Santos, Jéssica Jorge Felipe de Souza, José Victor Azevedo Araújo, Leonardo Gonçalves Ferreira, Luan dos Santos Pacheco, Lucas Arantes Ribeiro Barreto, Lucas Coutinho da Cruz, Ludyanna Ferreira da Costa, Luiz Fernando dos Santos Oliveira, Maria Laura Gomes de Carvalho, Mariana Campos Pereira, Marianna de Oliveira Azeredo, Millena Soares da Silva, Naiana Monteiro Tavares Vianna, Natália Sant' Anna Nunes Tristão Moreira, Nickolas Sobral de Abreu, Pedro Lima Azevedo Cardoso Lopes, Rafael Khenaiques Abud, Raphael Lopes de Souza, Rhyann de Almeida Mocaiber Souza e Silva, Sara Rocha da Silva, Tatiana da Silva Martins e Thainara Martins Areas.

⁵ No encontro que deliberou pela escolha do nome do produto, os estudantes levaram em consideração a restrição de gênero sugerida por "Siminino", tendo sido cogitada a forma Siminin@ e o registro de dois domínios: siminino e siminina, o que não se efetivou. A decisão da turma foi pela adoção de uma marca para o site que expressasse apenas graficamente essa diversidade, como pode ser visto em <http://www.simininocampista.com>.

⁶ Até 16/01/18, o site havia registrado 2.647 visualizações, com 570 visualizações dos vídeos hospedados no Youtube, 1.165 seguidores no Instagram, e 170 seguidores no Facebook.

Os debates em sala de aula levaram à escolha da utilização da linguagem do Jornalismo Literário para os perfis. Para isso, foram feitas leituras comentadas de perfis consagrados (como o de Ricardo Teixeira, em “O presidente”, de Daniela Pinheiro, e o de Frank Sinatra, em “Frank Sinatra está resfriado”, de Gay Talese) e realizadas duas dinâmicas de produção de perfis em sala (uma por meio da produção de perfis mútuos, em duplas de estudantes, e outra por meio de uma entrevista coletiva com um aluno, que aceitou contar a sua vida e submeter-se às perguntas dos colegas). Como complemento aos textos, foram editados vídeos curtos, com duração aproximada de dois minutos, com alguns trechos das entrevistas.

A escolha do nome para o site, “Siminino Campista”, foi feita por meio de votação, em dois encontros seguidos, a partir das sugestões apresentadas pelos estudantes. A escolha recaiu sobre aquele que, segundo a turma, expressa um modo típico de referir-se a alguém muito próximo, íntimo, como uma forma de mostrar o valor de alguém genuinamente campista.

Outro aspecto importante da experiência é a sua forma de avaliação, para atribuição de duas notas semestrais. Como ocorre com as demais turmas nesta disciplina, é explicado no primeiro encontro o modo como o trabalho se traduzirá em nota: a primeira (A1) como fruto da participação nos encontros, tendo como base objetiva as listas de presença; e a segunda (A2) aquela atribuída ao resultado do projeto (que tanto pode ser a mesma para a turma toda, como foi o caso da turma 2017.2, como podem ser definidos um percentual comum e outro para grupos – em casos extremos de grande assimetria na participação dos alunos).

2.1 – Reflexões e desafios

Embora a experiência, tanto no projeto Siminino Campista quanto em outros similares desenvolvidos na disciplina ao longo dos últimos anos (já foram feitos documentários, blogs, revistas, um jornal impresso e um original de livro-reportagem), tenha demonstrado resultados positivos, é necessário o registro de que também há dificuldades a superar, com destaque para três: nem sempre os alunos estão preparados para os debates, o que já chegou a gerar momentos tensos, de disputas internas, sendo necessária uma atuação firme do professor

para que diferenças pessoais não inviabilizassem a execução de uma proposta com pretensão profissional; outra é a de que, por ater-se aos limites da disciplina, os projetos carecem de continuidade depois que o semestre termina; e, finalmente, a avaliação, por valorizar o espírito coletivo, pode cometer injustiças individuais. Todos estes elementos são debatidos com a turma e buscam ser minimizados, incorporados como aspectos desafiadores e que também guardam, cada um a seu modo, potenciais ensinamentos.

3.0 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS⁷

DA SILVA, Gilmar Renato (org). **Novos jornalistas - Para entender o jornalismo hoje**. 2010. Ebook disponível em https://issuu.com/midia8/docs/ebook_novos_jornalistas.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1967.

LAGE, Nilson. **Teoria e Técnica do Texto Jornalístico**. Rio de Janeiro, Summus, 2005.

PINTO, Ana Estela de Sousa Pinto. **Jornalismo Diário: Reflexões, recomendações, dicas e exercícios**. São Paulo, Publifolha, 2009.

TRAVANCAS, Isabel. **O Mundo dos Jornalistas**. 4a ed revista. São Paulo, Summus, 2011.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo: Porque as notícias são como são**. V. 1. Florianópolis, Insular, 2005

_____ **Teorias do Jornalismo: A tribo jornalística - uma comunidade interpretativa transnacional**. V. 2. Florianópolis, Insular, 2005

⁷ A maior parte deste conjunto de referências se relaciona com o que é indicado no programa para leitura dos alunos durante a disciplina, como suporte para o trabalho prático, não tendo, em alguns casos, relação direta com este relato.